O BANCO DO NORDESTE NO INSTITUTO DO CEARÁ

Francisco Alves de Andrade

(Pronunciamento, como orador do INSTITUTO DO CEARÁ, na solenidade realizada a 1o. de julho de 1977, na sede social, quando foi conferido ao escritor NÍLSON HOLANDA, Presidente do BNB, o Título de Sócio Honorário, por seus méritos de especialista em ciências humanas.)

O INSTITUTO DO CEARÁ, sociedade científica e cultural fundada a 4 de março de 1887, tem a honra e satisfação de receber e homenagear, conferindo-lhe o título de sócio honorário, o escritor conspícuo e eminente Professor ANTÔNIO NÍLSON CRAVEIRO HOLANDA que, por seus méritos de especialista em ciências humanas, integra-se hoje no quase centenário grêmio.

Esta é a Casa que venera, guarda e cultiva os valores eternos do pensamento em terra cearense. E a sua messe se abre para a comunicação aos diversos setores das atividades. Tem como fanal a ingente tarefa de recomposição, a permanente busca dos elementos e dados em órbita da História, da Geografia e da Antropologia, de supremos anseios, ontem como ainda mais no tempo presente. Guarda então para a posteridade aqueles conteúdos telúricos, nacionais e regionais. Documenta com grande proveito e muita paciência o cunho da nacionalidade, que gera para o mundo a universalidade dos frutos da sabedoria: **dedimus profecto grande patientiae documentum.**

Incumbido da honrosa missão de saudar o homenageado, e sendo esta Instituição, em primeira linha a Casa da História, começaremos por tracejar o vulto do recipiendário, suas atividades, os resultados de sua lida, o proveito do seu trabalho, alguma linhagem do seu pensamento e, final-

mente, a paisagem que se levanta, a mensagem da esperança que vive palpitante em nosso INSTITUTO DO CEARÁ.

Há uma sentença no Talmude que eleva o conhecimento do homem acima de todas as grandezas da Terra. E diz assim:

> "O sábio é superior ao rei. Um sábio que morra não pode ser substituído, enquanto o rei, quando morre, todos são capazes de substituí-lo."

Realmente, a sabedoria, considerada pelo cristianismo como um dos dons do Espírito Santo, é igualmente definida pelos hermeneutas como aquele dom que busca pela observação, pela experiência e pela reflexão, o conhecimento das cousas, a sua essência em suas relações. . .

A operosidade e fiel desempenho do economista NÍLSON HOLANDA parecem advir de sua capacidade mental aprofundada no conhecimento reflexivo, que constitui uma característica do seu labor, desde a aprendizagem ao ensino e deste à programação, aos projetos, e finalmente à sua mais alta gestão frente ao Banco do Nordeste do Brasil S.A., virtude manifesta ainda em plena juventude.

Se a Natureza parece imprimir na mente humana uma correspondência ambiencial, o nosso homenageado, nascido em Limoeiro do Norte, nas vastas planícies do Vale do Jaguaribe, ao abrir os olhos em largos horizontes, sorveu a luz dos claros verdes sem fim dos carnaubais farfalhantes.

Sua operosidade há vivido sempre maior compreensão e mais largo entendimento dos problemas, desde quando ingressando em nossa Faculdade de Direito, em 1953, se definiu na vocação humanista, abraçando as ciências jurídicas e sociais, dedicando-se à problemática econômica, no pleno emprego do talento que Deus lhe deu.

Em 1956, antes de sua formatura, faz Curso de Treinamento de Especialistas em Desenvolvimento Econômico e, no ano seguinte, conclui o Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Em 1960, cursa Mestrado em Economia pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Em 1969, faz Mestrado em Administração Pública pela Universidade de Havard do mesmo País.

1. Atividades profissionais

Inicia sua vida profissional no Banco do Nordeste, tornando-se funcionário do mesmo desde o primeiro dia do seu funcionamento, em junho de 1954.

Temos insistido em proclamar que as secas do Nordeste são um desafio à capacidade do brasileiro para solucionar os problemas. A seca de 1951 foi um desafio. E o Banco do Nordeste é uma das peças, como resposta, despertando as consciências nacionais para a solução dos mais graves problemas da Região, em que o drama do desenvolvimento econômico e social encarna a teoria do desafio-resposta do historiador Toynbee.

O nosso homenageado acompanhou e fez parte da resposta a esse desafio. Ali, sob a liderança de Rômulo de Almeida, que lançou os alicerces do BNB e depois, do nosso conterrâneo Raul Barbosa, que, durante dez anos, consolidou a organização, participou do maciço empreendimento que é uma agência de desenvolvimento com base no crédito racionalizado, tendo em vista a dinamização dos recursos materiais e humanos do Nordeste.

No período de 1955 a 1970, NILSON HOLANDA desempenhou as funções de Assessor da Presidência, Analista de Projetos do Departamento Industrial e de Investimentos, Chefe da Divisão de Análise de Projetos do Departamento Industrial e de Investimentos, Chefe Adjunto do Departamento Industrial e de Investimentos e Chefe ainda do mesmo Departamento, entre 1965 e 1970.

Viveu assim toda uma longa experiência que se verteu na implantação de uma filosofia do projeto, a motivação central do entendimento financeiro do BNB, a qual, segundo os entendidos, lhe permitiram evoluir de um modesto órgão regional para transformar-se em um dos três maiores bancos do País.

Podemos hoje considerar que o Banco do Nordeste, assim, se constituiu na mais segura base do desenvolvimento regional, por força da institucionalização de critérios, mediante os quais os recursos financeiros são eficientemente aplicados.

Na fase atual dos entendimentos, o seu novo Presidente soube comunicar-lhe razões teóricas e práticas. Veio do exercício do magistério a razão pura. Com efeito, a partir de 1962, o economista NÍLSON HOLANDA passou a colaborar com a Universidade do Ceará, como Professor de "Introdução à Economia e Teoria do Desenvolvimento Econômico", na Faculdade de Ciências Econômicas.

Sua eficiência de comunicação, como docente, leva-o à CEPAL, organização em que ministrou Cursos de Elaboração e Avaliação de Projetos no Brasil, assim como no Exterior — Colômbia e Peru. O Professor pratica o que ensina e ensina o que pratica. Por sua notória experiência e saber, foi requisitado em 1970 pelo Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, passando a exercer as funções de Superintendente do Instituto de Planejamento da Fundação IPEA e, cumulativamente, de Secretário de Planejamento junto à Secretaria Geral do Ministério de Planejamento e Coordenação Geral. Além dessas, foi membro do Conselho do BNDE, do Conselho Consultivo do FINEP e representante do MInistério do Planejamento junto à SUDENE, SUDAM, SUDECO e SUDESUL.

2. O desempenho de atividades à frente do BNB

Do Ministério de Planejamento, o Professor Nílson Holanda tornou ao Banco do Nordeste do Brasil S.A., onde tomou posse no cargo de Presidente a 26 de março de 1974.

Deu-se então o reencontro de sua experiência e melhor capacitação com a Instituição a que desde o início de sua carreira integrara-se perfeitamente em sua lida.

A análise de documentos do BNB nos mostra que o objetivo básico da Administração Nílson Holanda há sido reforçar as características da poderosa organização como banco de desenvolvimento. No primeiro ano de sua gestão, procedeu à elaboração do I Plano Qüinqüenal como parte da contribuição do Ministério ao II Plano Nacional de Desenvolvimento.

Novas linhas de ação foram definidas para o qüinqüênio de 1975 a 1979. Passa o BNB a figurar entre os grandes Bancos do País em primeiro plano, tendo a primazia de encerrar o seu balanço anual, publicando-o,

simultaneamente, no mesmo dia, em jornais do Rio, de São Paulo, Brasília e Fortaleza, fato a repetir-se nos anos seguintes.

Ainda no primeiro ano de sua administração, é lançado o Programa de Desenvolvimento da Agroindústria do Nordeste com dotação inicial de 800 milhões, em programa de proposição conjunta da SUDENE e do BNB. Implanta a Coordenadoria do Planejamento Integrado com finalidade de planejar e avaliar o desempenho do Banco e dar assessoria à Presidência e oferecer apoio técnico aos respectivos órgãos. Cria o Sistema de Informações Gerenciais e, sob a sua Coordenação, o mesmo BNB realiza em Outubro de 1974 o X Congresso Nacional de Bancos em Fortaleza.

Na decolagem do seu primeiro ano de ação, empenhou-se o novo Presidente em angariar outras fontes de recursos estáveis, conseguindo logo fossem depositados 8% da arrecadação do IOF em todo o País, substancial fonte de recursos. A partir de 1976, o BNB alcança todas as suas principais metas, consolidando-se o sistema de planejamento integrado, que se implantara em 1974.

O ano de 1975 assinala, além da dinamização dos tradicionais programas de crédito rural, o PROTERRA, a execução do Programa de Desenvolvimento da Agroindústria do Nordeste e a reformulação do Programa de Assistência Técnica e Financeira à Pequena e Média Indústria. Registram-se como eventos mais importantes deste segundo ano de administração, o início das operações do FINOR — Fundo de Investimentos do Nordeste, o estabelecimento de rotinas e procedimentos para o desempenho de suas funções.

Entre as atividades promocionais de investimentos, a história deve registrar o I Simpósio sobre Oportunidades de Investimentos no Nordeste, realizado em São Paulo e o II Encontro de Governadores do Nordeste, durante o qual os Chefes de Executivos conheceram os programas do BNB e debateram sobre os seus problemas.

A política financeira no Nordeste carece de providências e remédios estatais, pois, como judiciosamente observa NILSON HOLANDA, a Região estaria numa situação muito difícil se dependesse exclusivamente do setor bancário privado, porquanto **"seria bem mais vulnerável às crises financeiras ou de liquidez que periodicamente afetam a economia nacional"**. E acrescenta: **"observou-se nos últimos anos crescente concentração bancária no Brasil, o que implicou em transferir para São Paulo o centro de decisões**

na área financeira". ("DEPOIMENTO — Nordeste não pode dispensar os bancos estatais". Pub. do M.I. Brasília — 1976) (1)

O Banco do Nordeste exerce assim uma ação protetora da Região juntamente com o Banco do Brasil, com efeito, "80% da oferta do crédito no Nordeste ainda hoje é do setor bancário estatal: 60% do Banco do Nordeste e Banco do Brasil e 20% dos bancos estaduais. . . "

Nesta linha de ação, a administração NILSON HOLANDA regista em 1976 que os empréstimos globais do BNB cresceram 4 vezes: passaram de Cr$ 3,5 bilhões, em dezembro de 1973, para Cr$ 13,6 bilhões, ao final de 1976. No fim de abril do corrente ano o saldo já ascendia a 15,5 bilhões, registando uma expansão de 13,9% sobre os resultados do fim do ano passado. (Dados colhidos pelo autor junto à Assessoria do BNB S.A.) (2).

A participação percentual referente às operações de crédito especializado (rural, industrial e serviços básicos) atingiu em maio a 72%, fixando-se segundo últimos informes a meta de 75% para o final do vigente exercício de 1977. Como se depreende, o Banco atingiu a participação mais elevada de toda a sua história.

3. A vivência dos contrastes e a luta pelo desenvolvimento

Esta Casa quer registar com fidelidade, simpatia e entusiasmo estes dados salutares de uma administração por todos os títulos benéfica, mas que sobretudo esplende arrojo e juventude. São fatos contra os quais não malsinam argumentos de pessimismos ou desesperança.

O Nordeste há sempre sido vítima de muitos erros de julgamentos que, como disse em artigo o nosso homenageado, "ganham à força de repetição foros de verdade e se transformam em verdadeiros **mitos** que dificultam a ação do governo e perturbam a execução da estratégia do desenvolvimento da região." São quatro, entre tantos outros, os mitos que assinalastes, Sr. Professor NILSON HOLANDA e, e infelicitam o Nordeste, quase sempre ameaçado com o retraimento de créditos ou investimentos. E são eles:

1o.) o **mito isolacionista** dos que subestimam a condição natural de dependência da região pobre em relação ao pólo desenvolvido e ignoram o sistema de vasos comunicantes do País;

2o.) o **mito do custo excessivo** — que se fundamenta no falso pressuposto de que são excessivamente elevados os investimentos dos programas em relação às possibilidades do País;

3o.) o **mito do sistema não-responsivo,** firmado na evasiva de que a economia nordestina não seria capaz de responder satisfatoriamente aos investimentos governamentais;

4o.) o **mito do desenvolvimento a-social** (para não dizer anti-social) que insiste na tese de que os frutos do desenvolvimento não se traduzem em distribuição dos benefícios, ou seja, em desenvolvimento social. (3)

A estas objurgatórias opusestes com brilhantismo a vossa combatividade. E o desempenho do Banco do Nordeste ergue-se no avanço dos seus estudos e pesquisas, na mostra palpitante de realizações de um caudaloso rio, cujo leito, descoberto por Rômulo de Almeida inicialmente, recebeu o amanho prudente e previdente de Raul Barbosa em seus negócios. O sistema cresceu num processo de integração iniciado por Rubens Costa e ascendeu à plenitude de sua mais vigorosa expansão sob o talento e cultura do Professor NÍLSON HOLANDA.

Na realidade, concluístes que o setor industrial tem crescido nos últimos três anos a taxas superiores a 13% ao ano. "E um dos fenômenos mais surpreendentes que emergem de análise do processo histórico do crescimento da economia nordestina é a sua extraordinária capacidade de recuperação e o seu acentuado dinamismo nos últimos 15 anos." (4)

A luta do Nordeste no sentido de conseguir o desenvolvimento harmônico e afastar as disparidades regionais padece das ameaças de retraimento dos investimentos cujas paradas têm por certo origem naqueles mitos que devem ser vigorosamente combatidos.

4. Desenvolvimento cultural, científico e tecnológico

As armas para a verdadeira luta pelo desenvolvimento da Região escudam-se na capacitação e pleno emprego dos recursos humanos. E bem compreendestes isso. Eis que ao lado dos empreendimentos que imprimiram ao BNB a característica de Banco de Desenvolvimento, avultam aquelas providências de pesquisa e experimentação firmadas em convênios com Universidades e instituições científicas e técnicas do Nordeste.

O propósito de atrair as Universidades e outras instituições à órbita do desenvolvimento intensificou-se mediante programas financiados, a exemplo do Programa de Forragicultura, Melhoramento e Nutrição Animal do Centro de Ciências Agrárias — Escola de Agronomia — da Universidade Federal do Ceará. Já é considerável o progresso das pesquisas em andamento, destinadas a dar resposta aos problemas regionais da produção vegetal e animal no Nordeste.

As grandes iniciativas de caráter e extensão regional requerem renovação de profundidade nacional de modo que a educação se faça em torno da problemática brasileira. Uma crítica se impõe ao sistema de ensino que se implantou ingenuamente, à guisa de reforma universitária, mas copiando sempre modelos importados de "pacotes" alienígenas.

O homem das Universidades aliena-se da problemática da Terra. É preciso envolvê-lo naquele entendimento que EDUARDO CAMPOS figurou, em primorosa síntese, como o animador "complexo de Anteu".(5)

Impõe-se um diagnóstico de situações, um entendimento entre valores amadurecidos na experiência e valores novos, de modo a empreender a continuidade histórica do desenvolvimento, timbrada na fórmula preconizada pela sabedoria do Padre Leonel Franca: **vetera novis augere et perficere.**

Até aqui quase que abusamos da vossa paciência tecendo considerações sobre as atividades do nosso homenageado. Permiti que consideremos em rápido escorço a linhagem do seu pensamento o que tentaremos como observador na planície, um simples curioso, numa singela mensagem de humilde servo da nossa gloriosa instituição.

5. O analista da realidade econômica nacional

O que melhor avulta nos trabalhos de NÍLSON HOLANDA é o cunho de sinceridade de suas assertivas. Tira dos fatos os argumentos e dos dados as suas conclusões. Não teme o desagrado pelo pronunciamento da verdade. Por isso inspira a confiança com a lealdade que se requer.

Em **"Perspectivas e Potencialidades do Modelo Brasileiro"**, confessa que os debates travados **"evidenciam uma situação de perplexidade e de insegurança, seguindo as linhas de um processo ciclotímico muito característico da psicologia nacional."** (6)

Refere-se ao ufanismo trepidante, logo cortado de desencanto daqueles que "pretendiam partilhar do sucesso sem enfrentar os desafios", e desejavam "substituir os esforços e sacrifícios indispensáveis para o desenvolvimento, pela ilusão fácil do "milagre brasileiro". E acrescenta: "mas, se o milagre é o efeito sem causa, isto não existe no plano materialista da Economia, onde a todo produto corresponde um determinado insumo."

Nas indagações que persegue, encontramos o economista preocupado com aqueles novos aspectos da pesquisa científica peculiares às ciências do comportamento. Assim, conjectura que **"as crises passageiras devem ser adequadamente situadas no seu contexto histórico"**. E em relação aos períodos de acelerada expansão, pondera que os mesmos **"devem ser objetivamente interpretados dentro de uma perspectiva de longo prazo, através de uma avaliação ponderada dos fatores permanentes e das potencialidades reais de desenvolvimento do País."** (7)

Com essas advertências o nosso conterrâneo apara os golpes da crítica, abrigando-se no contexto histórico. É preciso deslocar no tempo a barra das interpretações para a análise definitiva.

6. A problemática do desenvolvimento frente às estruturas

Em relação às disparidades regionais é preciso ver as mesmas consoante as estruturas. As desigualdades setoriais avultam na América Latina,

sendo muito amplas no Brasil, entre a Agricultura, a Indústria e os Serviços. A esse respeito, em sua INTRODUÇÃO À TEORIA DO DESENVOLVIMENTO, publicada em 1966-1967, NILSON HOLANDA num retrospecto didático examina o problema da distribuição da renda, que tende a concentrar-se em mãos de um pequeno grupo de pessoas, parecendo constituir-se em fator impeditivo do desenvolvimento. Explica que o problema envolve o exame daqueles três aspectos a que poderiamos chamar de trinômio das desigualdades: a) desigualdades entre classes; b) desigualdades entre setores econômicos; c) desigualdades entre regiões geográficas. (8)

Não é o momento de levantar o véu sobre os escombros. Mas ousariamos então discernir que o desequilíbrio intersetorial persistente pode ser considerado como agravante dos desequilíbrios na distribuição da renda com acentuadas repercussões históricas.

Numa evidência de situações, tem-se verificado que os agricultores são obrigados a pagar preços cada vez mais altos por tudo o que vem da indústria, através do comércio, e a submeterem-se a preços reduzidos dos frutos do seu trabalho. Eis que a Agricultura figura como o setor deprimido da humanidade, não podendo por si mesma libertar-se de pressões que afetam todo o mundo rural.

Conseqüentemente, clama-se por uma economia solidária. É que, o estudo das desigualdades, regionais, setoriais, humanas, induz o escólio de que o problema que alguns querem colocar apenas sob o ponto de vista da produção e da produtividade, tendo por eixo de orientação o exclusivamente tecnológico, é essencialmente muito mais amplo e universal, abarcando os extratos — histórico, geográfico, populacional, sócio-político, antropológico, agronômico e industrial, num entendimento ecológico dos recursos escassos em um mundo finito.

A mais salutar lição de economia solidária vem-nos do cristianismo, expressa na Sabedoria de João XXIII:

> "É necessário que o desenvolvimento econômico da Nação se realize de modo gradual e harmônico, entre todos os setores produtivos. Quer dizer, é preciso que no setor agrícola se realizem as transformações que dizem respeito às técnicas da produção, à escolha das culturas e à estruturação das empresas, conforme permitir ou exigir a vida econômica no seu conjunto, de maneira que atinja, logo que seja possível, um nível de vida conveniente, comparado com o setor da

> indústria e dos vários serviços". (Encíclica **Mater et Magistra** – 1963) (9)

Ora, lemos no que escrevestes e ensinais, Sr. Professor NÍLSON HOLANDA, em "Planejamento e Projetos", aquela conceituação humanista de índole estruturalista e cristã, que vai a caminho da economia solidária:

> "De nossa parte", conceituais, "numa definição, preferimos considerar o desenvolvimento como um processo de mudança social global, com implicações não apenas econômicas, como também políticas, sociológicas e culturais." (10)

Refletistes que o desenvolvimento do ponto de vista estritamente econômico é processo de transformação estrutural a longo prazo, e se caracteriza por modificações estruturais do sistema, aumento dos fatores e sua melhor utilização, objetivando-se na melhoria dos níveis de consumo e bem-estar da população. Tal processo, além da elevação da renda **per capita**, se caracteriza, de modo geral, pela integração mais ampla das atividades, eliminando a concentração ou dependência excessiva de alguns poucos setores ou atividades. Buscaria a redução das desigualdades na distribuição da renda dos setores, regiões e pessoas. As alterações ocorrentes na estrutura da renda e sua formação dariam a características na própria composição do produto industrial, a par da melhoria das condições sociais e culturais de toda a população (11).

Vê-se que procurais abrir a vossa janela para as mais amplas situações de conteúdo global. É que, afora as tentativas de reconstrução do quadro conceitual da economia, as visões limitadas, estanques, esbarram em crises dos modelos por falta de integração em sistemas reais e não aparentes.

7. Uma teoria social global da Economia em escala de contestação ao otimismo

Sob a epígrafe de **"Prefácio à Nova Economia"**, o nosso patrício, Celso Furtado, um dos mais festejados mestres da Ciência Econômica, anuncia o seu empenho de "sair em busca de uma teoria social global da

Economia." Confessa haver tateado um quarto de século os labirintos das teorias econômicas, convencendo-se, agora, "sobejamente, da insuficiência do quadro conceitual com que trabalhamos nessa ciência." E parecendo queimar o que adorou, penitencia-se nestes termos:

> ". . . uma dinâmica econômica, que seja algo a mais do que uma série de exercícios engenhosos para distração de professores universitários, é objetivo inalcançável dentro do quadro de referência em que trabalhamos". (12)

Laborando numa visão pessimista da Ciência Econômica, flagrada no contexto do sistema vigente no regime ocidental, assevera que o desenvolvimento econômico é um mito, pois, a idéia de que **"os povos pobres possam um dia desfrutar das formas de vida dos povos ricos — é simplesmente irrealizável.** (13)

É que subsistem nos sistemas um torvelinho de dependências que parecem inelutáveis. Há no regime ocidental um centro de economias dominantes, cujo processo de concentração e acumulação da renda e de capitais tende a se agravar. Em órbita estão as economias periféricas, subdesenvolvidas, de que vivem 1,7 milhões de pessoas, enquanto no centro dominador desfrutam a incauta colmeia 800 milhões.

Adverte que os economistas que se deixaram neste campo de visão tão limitada, passaram a dedicar o melhor de sua imaginação a complexos processos de acumulação de capital. Ora, **"o impulso dinâmico para o desenvolvimento é dado pelo progresso tecnológico, enteléquia existente fora de qualquer contexto social".** Eis esta sensata advertência do autor citado, que nos convence:

> "Pouca ou nenhuma atenção foi dada às conseqüências, no plano cultural, de um crescimento exponencial do **stock** de capital. As grandes metrópoles modernas, com seu ar irrespirável, crescente criminalidade, deterioração dos serviços públicos, fuga da juventude na anti-cultura, surgiram como um pesadelo no sonho de progresso linear em que se embalavam os teóricos do crescimento." (14)

8. A insubordinação tecnológica — pecado original

Esbarra a Economia no impacto da agressão ao meio ambiente, frente ao pecado original das decisões, cujo objetivo há sido o imediatismo de satisfazer interesses privados. Eis que Konrad LORENS configura entre os oito pecados capitais do homem **"a corrida disputada para a tecnologia, tornando as pessoas cegas a outros valores verdadeiros e mais altos."** (15)

Estudando filosoficamente o problema, François HETMAN vislumbra na inconsciência de muitos um dogma tecnológico, segundo o qual a tecnologia seria o fator essencial da mudança social. Ora, o determinismo tecnológico é um dos fenômenos da política atual e apóia-se na crença de que tudo é possível sob a condição de mobilização e organização dos recursos humanos. Mas, foi precisamente esse fatalismo tecnológico que conduziu a humanidade a viver sob terríveis ameaças: a destruição nuclear; o cataclisma ecológico; o esgotamento dos recursos naturais; a asfixia por explosão demográfica, etc. (16)

Em conclusão, a mudança técnica simplesmente não gera o crescimento econômico em termos reais, menos ainda o aumento de bem-estar social ou de satisfação pessoal. Ela poderá tornar caducos não só linhas inteiras de produtos e manufaturas, mas até mesmo profissões e conhecimentos. O que ela provoca, sim, é o deslocamento das estruturas sociais, econômicas, culturais.

Trazendo em seu bojo efeitos às vezes benéficos, assim como conseqüências nefastas, a tecnologia se nos apresenta no tumulto hodierno, configuramos nós, como aquela **"árvore da ciência do bem e do mal"**, plantada no paraíso terrestre. Há uma proibição de violação da Natureza — do esbanjamento dos recursos limitados em um mundo finito. O uso indiferente da tecnologia é uma realidade cruel, além de um simples mito: "se comeres desse fruto, morrerás! . . . "

Por isso, ela, a tecnologia, pondera HETMAN, deve ser tratada como uma variável dependente na tomada de decisões. Assim, "a primeira condição de uma verdadeira política de inovação social é admitir que a tecnologia não é uma irresistível força autônoma, mas um instrumento a serviço de objetivos sociais". (17)

9. Necessidade de uma visão global e planetária da Economia

A marcha da ciência econômica para uma visão global, em que passado, presente e futuro postam-se aos olhos do observador, mostra que o crescimento se processa num mundo escasso. Ora, ensinais em um dos vossos livros que "o princípio da escassez é o fundamento da ciência econômica". (18) E com apoio em Lionel ROBBINS, que definiu a Economia como "a ciência que estuda o comportamento humano como toda relação entre fins e meios escassos que têm usos alternativos", ditais a assertiva de que por isso mesmo se justifica a preocupação de utilizá-los de forma racional e eficiente. Refletistes ainda, Sr. Professor NÍLSON HOLANDA, na conceituação atualizada de Tibor SCITOVSKY, para quem a Economia é "a ciência social que se ocupa da administração de recursos escassos." (19) Ora, ante a escassez que se agrava, os alicerces da Sociedade Industrial estão abalados pela chamada "civilização do consumo", que se expandiu na insensata e abusiva exploração das fontes naturais de vida, e prossegue num expansionismo predatório dos recursos terrenos, finitos, absolutamente limitados no planeta Terra.

Começa-se a tentar uma recomposição no sentido daquilo a que se tem chamado "sistema econômico planetário". A problemática avulta não simplesmente em termos de Nação, mas em escalas de Mundo. Estamos no limiar de um divisor de eras. O CLUBE DE ROMA, em conclusões anunciadas por MESAROVIC e PESTEL, sustenta que a Humanidade defronta-se com uma nova era de crises, em que os recursos globais vão diminuindo com rapidez, enquanto a demanda dos mesmos aumenta com velocidades crescentes. (20)

Ensinam cientistas, educadores, industriais e servidores públicos internacionais, reunidos naquele grêmio a partir de abril de 1968, que se impõe a adoção de estratégias baseadas em "Método de Sistemas Totais" em que se integrem perfeitamente os valores da economia, da agrotecnologia, da ecologia, da demografia, bem assim as disposições sócio-políticas que venham garantir às gerações futuras a sobrevivência num aproveitamento racional e ético dos recursos finitos.

Aqueles cientistas, após levar aos computadores todas as alternativas, viram bem que a tecnologia é apenas um dos extratos e que é uma ingenuidade fundamentar apenas em um ou limitados extratos a solução. Reco-

nheceram que há limitações que parecem insuperáveis. Subsiste "uma sindrome de crise global do desenvolvimento mundial", crise de crescimento. Ora, há dois tipos de crescimento: o **não-diferenciado,** em que os elementos são réplicas do primeiro, resultando em um aumento puramente exponencial; e há um **crescimento diferenciado,** orgânico, isto é, harmônico. Este é o que salva. O crescimento desequilibrado padece de falta de ecologia e de humanismo. E deve ser evitado. A crise mundial enraíza-se precisamente no crescimento exponencial que é concentração, estocagem sem distribuição, multiplicação desordenada, a exemplo de um processo canceroso. Por isso, o mundo grita a legenda de A. GREGG: **"o Mundo está com Câncer e o Câncer é o Homem"** (21).

Na pauta dessas cogitações, um dos mais conservadores, Carl H. MADDEN, Economista-Chefe da Câmara de Comércio dos Estados Unidos, põe em dúvida o próprio desenvolvimento frente às preocupações com o meio ambiente. E diz ser a situação extremamente precária, porquanto, a civilização mecânica está prestes a esgotar os mais ricos recursos da terra, enquanto o povo quer bens, serviços e qualidade de vida. E as grandes empresas estão sendo convocadas a se transformarem em organizações sociais.

Conclui o autor citado "que a sociedade está experimentando uma mudança na visão mundial, ocasionada por uma imperiosa revolução científica". Enquanto isso, "alguns ocupantes de altos cargos nos negócios, vêem em volta uma conspiração do estudioso, do sacerdote, do jovem e do jornalista, porque são as pessoas que estão divulgando "as más notícias". (22)

10. Integração da amplitude humanista e a desconcentração do sistema econômico

A necessidade de desconcentrar o sistema econômico, afogado na megatecnologia indiferente, apoiada no esbanjamento dos recursos naturais, evidencia-se na carência de uma nova ótica de um sistema global, centrado no humanismo e na ecologia, com que se deve cumprir a ação de uma consciência verdadeiramente científica, voltada para a Natureza, o Homem e os mais altos ideais da Vida.

Precisa-se de uma Economia com apoio eminentemente social, de conteúdos espessos, com objetivos mais complexos, desbordados os limites rigorosamente econômicos, para a integração dos valores éticos da Humanidade e que em relação ao Brasil. tenha as suas raízes mergulhadas nas mais profundas camadas do humo nacional.

Reagem os estudiosos contra a extremada simplificação dos que limitaram o seu talento a mensurações e análises exclusivamente econométricas. E viam o mundo como pássaros presos numa gaiola de onde imaginaram cartesianamente medir a complexidade crescente com um dimensionamento abstrato em que os palitos eram as ordenadas e as traves as abcissas. . .

Se porém buscamos uma nova ótica, não há dúvida que subsiste igualmente a necessidade de uma nova ética da Natureza. E esta poderia partir daquele conceito que figura no princípio ditado por BARBARA WARD e RENÉ DUBOS em "Uma Terra Somente":

> "O Homem habita dois mundos. Um é o mundo natural das plantas e animais, dos solos, do ar e das águas, que precedeu por bilhões de anos e do qual ele é uma parte. O outro é o mundo das instituições sociais e dos artefatos que constrói para si mesmo, usando suas ferramentas e engenhos, sua ciência e seus sonhos para amoldar um ambiente obediente aos objetivos e direções humanos". (23)

11. O Instituto do Ceará e a motivação da esperança

O Instituto do Ceará tem o seu mundo mental nos estudos científicos e culturais relacionados também com as instituições sociais. Vive precisamente a ética da terra e dos valores humanos. Cultiva assim a História, a Geografia, a Antropologia há pouco mais de 90 anos.

As raízes do Ceará estão aqui mergulhadas no espaço e no tempo. E se espaço e tempo são dimensões necessárias aos fenômenos sociais, econômicos, a integração histórica, geográfica, antropológica de que vem carecendo a Nova Economia, poderá tocar no bronze e no mármore dos seus feitos, aquela imortalidade do pensamento humano que aprofundou as raízes no verdadeiro humo nacional.

Seus obreiros são pássaros livres de gaiolas, operam em campo aberto e contribuem com a experiência de todos os quadrantes profissionais e pelos mais diversos caminhos.

Aqui estão os clássicos da problemática cearense em suas preocupações, desde a origem, com os destinos da terra e do homem do Nordeste:

> "O Ceará," diz o historiador José HONÓRIO RODRIGUES, "torna-se um dos melhores exemplos de conflito dos povos primitivos com a civilização. E a cultura brasileira resultante deste conflito é uma síntese entre o antigo e o novo. . . . . O interesse local, literário ou histórico, encontra suas raízes na própria formação cearense. Os males, as vexações que oprimem o Ceará, as dificuldades econômicas e as secas dão uma direção definitiva às formas literárias. A convergência dinâmica da sociedade e da literatura revela-se na magnífica vocação cearense, criadora de uma das mais ricas historiografias estaduais" (24)

Referindo apenas a orientação dos Presidentes do Instituto, considere-se que, desde Paulino Nogueira ao atual Presidente Carlos Studart Filho, todos dedicaram as suas vidas, num trabalho intensivo à instituição. Graças a sua orientação como ao mérito dos seus próprios estudos, o Ceará revelou-se, assevera o historiador citado, como o Estado brasileiro que produziu a melhor historiografia regional, a melhor revista histórica, os maiores historiadores no campo regional: o Barão de Studart e Capistrano de Abreu.

Da problemática da terra e do homem tem o Instituto do Ceará nos eruditos Thomaz Pompeu, uma estirpe de estudiosos, a partir do Senador Pompeu -- o precursor da geopolítica regional e o maior geógrafo do seu tempo. O 2o. Presidente, filho do Senador — Thomaz Pompeu de Souza Brasil Filho, soube ser um continuador do seu pai, e foi um escritor geopônico e cuidou de reunir e interpretar a experiência e o saber do seu tempo, considerado o mais ativo intelectual cearense, concretizando na política, na administração pública e privada a sua ciência e experiência. Foi o pioneiro da Indústria no Ceará. Deve-se a Guilherme Studart, Barão de Studart, que foi o 3o. Presidente, o maior acervo da Historiografia do Instituto, e finalmente, a Thomaz Pompeu Sobrinho, que foi o 4o. Presidente do Instituto do Ceará, a programação fundamental em termos de Geografia Ativa e de Antropologia. Ele é o cientista, o consolidador dos fundamentais estudos da cultura cearense. E diremos também, do Nordes-

te. Sua obra não foi superada, pois estabeleceu um elo entre o presente, o passado e o futuro. Legou-nos um substrato vivo para a continuidade histórica dos estudos e planejamentos regionais.

Perdoai-nos a longa dissertação em que não pudemos sequer referir as pesquisas em monografias de tantos outros sócios em tão fartas e valiosas contribuições. Em 90 anos de trabalho, o Instituto do Ceará guarda, em 90 números de sua revista e na longa série de suas monografias, em boa parte publicadas, ou concluídas, as generosas fontes dos estudos pioneiros realizados na terra cearense.